



2018/03/11

De novo a Guerra Fria

Alexandre Reis Rodrigues

Já há algum tempo que se receia que o mundo esteja a caminhar para uma segunda guerra fria. A imagem ao lado, da revista "Time" de 4 de agosto de 2014, refere-se a um artigo de Bruce Cordell em que alerta para o perigo de o Ocidente estar a perder o perigoso jogo de Putin.¹

Durante a administração Obama, nomeadamente quando falhou a iniciativa do "reset", conduzida pela Hillary Clinton, o assunto também esteve no centro de preocupações.² No entanto, o contexto de segurança - que a administração americana tentava não deixar voltar a uma fase crítica - foi-se encarregando de diluir o assunto perante a opinião pública, não obstante os motivos de inquietação não se tivessem alterado.



Hoje, estamos de novo perante um período crítico, com um clima global de tensões agudo e dominado por um relacionamento mais problemático dos EUA com a Rússia. Está bem à vista, mas nem todos têm conseguido ver o contexto global em todas as suas dimensões. A imagem pública de Trump não ajuda a compreender tudo porque tende a polarizar as críticas na sua personalidade controversa e na sua óbvia impreparação para o cargo que ocupa. Mas a repetição cíclica das crises e o seu progressivo agravamento tornam inequívoco o risco de um regresso a uma situação semelhante à que se viveu durante a Guerra Fria. A tentativa recente de assassinio de um ex-espião russo (agente duplo) no Reino Unido, a que este responderá com a expulsão de 23 diplomatas russos - numa ação idêntica à que aconteceu nos EUA em janeiro de 2017³ - está aí também a atestar com clareza o regresso a esse passado.

Reportando-me exclusivamente à orientação em matéria de postura nuclear, que é um assunto central do relacionamento EUA-Rússia, o que há de novo vem do lado russo, mas não é - ou não devia ser - surpresa.⁴ Ganhou essa dimensão na opinião pública mundial por força do discurso de Putin à nação a três semanas do 18 de março, a data marcada para a sua (quase garantida) reeleição. Putin falou, como era

¹ O jornal "Guardian" de 19 de agosto de 2014, publicava algo semelhante sob o seguinte título: "The New Cold War: are we going back the bad old days?".

² O assunto foi levantado em fevereiro de 2009, na habitual conferência de segurança em Munique, pelo vice-presidente Joe Biden que tentava convencer os líderes russos de que as razões de ressentimento que pudessem ter da administração Bush eram apenas coisas do passado.

³ Duas semanas antes do fim do mandato de Obama, em que foram expulsos 35 membros da Embaixada russa, acusados de terem tido acesso ao controlo da rede elétrica nacional.

⁴ O general Valery Gerasimov, a sete de setembro do ano passado, fez um pormenorizado ponto de situação das melhorias introduzidas nas Forças Armadas russas, durante os últimos cinco anos. Resumindo a extensa lista de melhorias introduzidas podemos dizer que a percentagem de sistemas modernos que equipam os três ramos situa-se, hoje, nos 71%, deixando muito distante a década de noventa em que as Forças Armadas russas praticamente "bateram no fundo".

de esperar, em termos políticos para, mormente, anunciar capacidades estratégicas que enquadrar como resposta à decisão de Bush, em 2001, de retirada dos EUA do Tratado Antimísseis Balísticos (Tratado ABM), passo necessário para prosseguir a construção do escudo de proteção antimíssil americano.

Como ponto central da sua mensagem, Putin tentou deixar a ideia de que a Rússia tem hoje um conjunto de meios que tornam ineficaz ou inútil o escudo de proteção americano, o que permite a Moscovo encarar com confiança a mais séria ameaça que, na perspetiva russa, o país enfrenta – EUA e NATO. A aposta feita foi dirigida para os mísseis hipersónicos⁵ – que reduzem o tempo de reação do alvo para uns breves cinco a dez minutos (em vez dos 30 atuais) – e mísseis com propulsão nuclear – que tornam o seu alcance praticamente ilimitado e poderão seguir rotas imprevisíveis.⁶

O primeiro foco é um objetivo que os EUA tinham previsto atingir em 2022/2023 mas que o diretor da *Defense Advance Research Projects Agency (DARPA)* quer agora acelerar. O segundo foco representa a versão russa do chamado “Projeto Pluto” que os EUA abandonaram na década de sessenta, por não o considerarem suficientemente seguro.⁷ Resta saber se os cientistas russos conseguiram tornear todos os aspetos que obrigaram os americanos a pôr de lado a sua continuação ou se, em alternativa, o regime russo considera irrelevante usar uma arma propulsionada por um reator nuclear a voar a baixa altitude.

Não obstante possa transparecer desta nova realidade uma ideia de algum atraso dos EUA nesta nova corrida aos armamentos, a maioria dos observadores considera que as novas capacidades russas não alteram a equação de dissuasão em que se baseia o equilíbrio estratégico entre os dois países. Isto é, não constituem um problema operacional, embora levem a um contexto nuclear mais avançado, mais diversificado, portanto, com mais desafios, conforme, aliás, previu a *Nuclear Posture Review 2018*, aprovada recentemente pelo Presidente Trump.

No entanto, agravam as dificuldades de manutenção dos acordos de controlo e redução dos armamentos, que depois de terem sido, em grande parte, a base da estabilidade alcançada durante a Guerra Fria, estão, presentemente, a ser percecionados como de utilidade questionável por ambas as partes.⁸ Sem estes acordos, deixa de haver forma de conter a desconfiança entre as partes e tornar-se-á difícil de evitar uma corrida aos armamentos, num clima de competição com elevado potencial para disputas políticas, de onde podem surgir crises e, eventualmente, conflitos.

O prolongamento de uma corrida aos armamentos não é questão que levante grandes preocupações aos EUA, que têm uma economia à altura desse desafio. Será, no entanto, um problema sério para a Rússia, cuja economia continua muito longe de estar bem e tem pela frente o desafio do cumprimento das promessas que Putin fez, no discurso atrás referido, para reduzir a metade o número de russos no limiar de pobreza nos próximos seis anos.

⁵ Podem atingir 20 vezes a velocidade do som. É o caso do míssil “Avangard” (RS 26-Rubezh).

⁶ O mais destacado sistema é o novo míssil intercontinental “Sarmat” capaz de fazer a aproximação quer pelo Polo Norte, quer pelo Polo Sul.

⁷ O Projeto Pluto, no essencial, consistia no desenvolvimento de um míssil de cruzeiro propulsionado por um reator nuclear (alcance ilimitado), concebido para voar a muito baixa altitude (para evitar deteção) e capaz de transportar uma carga equivalente a 16 bombas de hidrogénio. Os problemas do voo a baixa altitude (tendo de cruzar o espaço aéreo de aliados e amigos, antes de atingir o território soviético) com um engenho movido por um reator nuclear não protegido, entre outras razões, levaram os EUA a abandonar o projeto.

⁸ Alguns dos novos sistemas estão fora do âmbito do Tratado START.

Poderá esta prioridade social ser cumprida em paralelo com a manutenção de uma postura que visa “minar” o papel global dos EUA, as suas alianças e a defesa das democracias liberais. Muito pouco provável, à luz das possibilidades da economia russa. O que devemos, portanto, esperar da parte do regime russo? Certamente, a manutenção de um clima de tensão com o Ocidente que permita a Putin justificar a impossibilidade de cumprir as promessas internas.